Acção Paralela

António Guerreiro

O jornalismo em regime de autocelebração



No dia da sua morte, Vicente Jorge Silva foi justamente celebrado como um grande jornalista, mas quis o destino – ou a história transfigurada em destino – que ele se tornasse, *post mortem*, um eloquente motivo para uma análise do narcisismo exasperado do jornalismo, essa afectação do ego que origina dilatações tão ingénuas como as erecções infantis.

Este jornal em que escrevo foi o primeiro a dar a notícia (às 10h01) e fê-lo com este título "Morreu Vicente Jorge Silva, primeiro director do PÚBLICO [julgo que as maiúsculas na autonomeação se devem a uma regra do Livro de Estilo] e um jornalista exigente que fez história no jornalismo". Algum tempo depois, o título sofreu uma deflação do seu primeiro impulso auto-referencial e passou a "Morreu Vicente Jorge Silva (1945-2020): um jornalista exigente que fez história no jornalismo". Quinze minutos depois da notícia no PÚBLICO, o *Expresso* noticiava com este título neutro: "Morreu Vicente Jorge Silva, aos 74 anos." Mas a neutralidade é logo abandonada na entrada da notícia, e o que na notícia anterior vinha antes de tudo é agora um "depois" quase displicente : "Jornalista fez durante vários anos parte da direção do *Expresso*, onde foi responsável pelo lançamento da 'Revista'. Depois foi fundador do *Público*." Já o *Sol*, celebrando o depois do depois, introduziu a notícia com esta entrada reivindicativa: "Ex-colunista do *Sol* tinha 74 anos." Por sua vez, o *Diário de Notícias* também encontrou motivo para chamar a si uma parte dos despojos e noticiou, num subtítulo: "Foi director e fundador do jornal *Público*, mas também realizador e político. E também colunista do *Diário de Notícias*."

Tudo isto, que parece inócuo e com justificações plausíveis, é apenas a manifestação de superfície de uma tendência muito mais profunda e com consequências de vasto alcance: um dos comportamento gerados pela crise dos *media* é a exacerbação narcísica e a insistente celebração de si próprios. Nos casos mais extremos, como é o dos canais privados de televisão, a autocelebração atinge níveis extravagantes, muitas vezes parece que "aquilo" é uma espécie de *homeostato* de Ashby, tautológico, com um fim em si próprio, na sua dinâmica estática. Esta televisão que tem como horizonte quase único a própria televisão ou que serve de incubadora de estrelas que utiliza nas suas várias extensões mediáticas só é possível porque os próprios jornalistas assumem o papel de accionistas da empresa e tornam-se publicitários diligentes e relações públicas da empresa. A exigência a que respondem é a de se tornarem de facto "colaboradores", no sentido mais sinistro da palavra, que evoca os sistemas totalitários. Não sei como são hoje as redacções dos vários títulos de comunicação social, há certamente de tudo um pouco, mas algumas delas, e em primeiro lugar as das televisões privadas (e acho que estou a ser demasiado benevolente isentando a televisão pública), apresentam uma imagem que, para quem está treinado na observação deste ambiente, segue a lógica dos sistemas concentracionários.

O que se perdeu com a estratégia narcísica que vai dar, mais cedo ou mais tarde, ao sentimento elegíaco da perda e por conseguinte a uma profunda infelicidade, foi a crítica, o espírito crítico. O jornalismo moderno, que nasceu do Iluminismo, colocou a crítica como projecto inalienável e como critério primeiro que justificava a sua existência. Mas a crítica não era apenas uma exigência na relação com o poder político e todos os outros poderes: o jornalismo crítico tinha de ser também capaz de ser crítico de si próprio. Sem essa dimensão, todo o projecto falharia. Ora, o que acontece hoje é que a capacidade de autocrítica, com todas as suas potencialidades, foi substituída pelo narcisismo que se compraz na autocelebração. Este fenómeno não é novo, mas instalou-se na nossa paisagem mediática com uma força enorme a partir do final do século passado. Recordar isso hoje é também uma homenagem a Vicente Jorge Silva, cujos projectos jornalísticos em que esteve envolvido, do *Comércio do Funchal* ao PÚBLICO, passando pela "Revista" do *Expresso*, foram espaços que estimulavam a razão crítica do jornalismo. Sem uma consciência teórica e crítica de si próprio, o jornalismo é cego.

Livro de recitações

"Geração rasca?"

Título de um editorial de Vicente Jorge Silva, no PÚBLICO de 6/05/1994, republicada no PÚBLICO *online* no dia 8/09/2020, em homenagem ao seu autor.

O nome e a ideia de "geração rasca" teve um enorme poder de atracção que tornou a expressão apta a funcionar como um emblema de fácil apropriação. Mas se há muitas razões para homenagear o jornalista Vicente Jorge Silva, essa crónica não é certamente uma delas. Direi mesmo que ela revelava uma profunda incompreensão do que estava a acontecer a esta geração que começava então a perceber a lógica coerciva de uma política de espoliação das novas gerações. Provavelmente, as razões da revolta eram muito mais difusas e inconfessadas do que aquilo que imediatamente as originou. E hoje é preciso dizer com veemência que o epíteto usado por Vicente Jorge Silva foi injusto, infundado e amplamente destituído de razão. Percebe-se porque é que o jornalista falhou clamorosamente o alvo: porque o modelo de revolta que compreendia e tinha interiorizado era a do Maio de 68, a revolta ao serviço de uma revolução. Ora, em 1994 já havia muito tempo que tinha chegado o tempo pós-revolucionário.

FICHA TÉCNICA: DIRECTOR **MANUEL CARVALHO** EDITOR **VASCO CÂMARA** DESIGN **MARK PORTER, SIMON ESTERSON** DIRECTORA DE ARTE **SÓNIA MATOS** DESIGNER **ANA CARVALHO** E **SOFIA ESPADINHA MARTINS** FOTO DA CAPA **SHANNA BESSON** E-MAIL **IPSILON@PUBLICO.PT**